

Leitura e Escrita na Interface da Pandemia: Um Relato de Experiência com Professores da Rede Estadual Paulista

Claudineia Peres Bertaglia

Paulo Alexandre Filho

Yngrid Karolline Mendonça Costa

Como citar: BERTAGLIA, Claudineia Peres; FILHO, Paulo Alexandre; COSTA, Yngrid Karolline Mendonça. *Leitura e escrita na interface da pandemia: um relato de experiência com professores da rede estadual paulista*. In: GARCIA, Daniela Nogueira de Moraes; CARDOSO, Gabriela Pedroso; COSTA, Yngrid Karolline Mendonça; CASTILHO, Isabelle (org.). **Tecnologias na educação: explorando potenciais e conectando saberes Marília: Oficina Universitária**; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p 113-126. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-513-1.p113-126>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

LEITURA E ESCRITA NA INTERFACE DA PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL PAULISTA

Claudineia Peres BERTAGLIA¹⁵

Paulo Alexandre FILHO¹⁶

Yngrid Karolline Mendonça COSTA¹⁷

Introdução

Este relato é fruto de um estudo realizado com professores de componentes curriculares diversos que precisaram reinventar suas práticas pedagógicas, diante do período da pandemia da covid-19. Para isso, imersos em contexto de restrição ao trabalho face a face e de suportes físicos, como livros e apostilas, voltaram-se à leitura e a escrita em suportes digitais, de forma a adequar-se ao ensino remoto/híbrido.

Assim, o estudo pautou-se a partir da aplicação de uma questão norteadora aos professores para compreender: (i) de que maneira as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) foram inseridas nas institui-

¹⁵ Doutoranda em Educação/ PPGE / Faculdade de Ciências e Tecnologia / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP / campus de Presidente Prudente / SP / Brasil / Agência de fomento CAPES / E-mail: claudineia.bertaglia@unesp.com

¹⁶ Doutorando em Educação / PPGE / Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP / campus de Marília / SP / Brasil / E-mail: p.alexandre@unesp.br

¹⁷ Doutoranda em Educação PPGE / Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP / campus de Marília / SP / Brasil / E-mail: yngrid.karolline@unesp.br

ções de ensino como forma de reconfigurar as ações pedagógicas, sobretudo, no trabalho com a leitura e a escrita; (ii) a repercussão dessas competências na percepção dos professores, de forma a permitir o diagnóstico e entender em que medida essas transformações impactaram a atuação do professor e (iii) como estão lidando, no pós-pandemia, com essas transformações tecnológicas para ministrar suas aulas.

Com a evolução tecnológica, novas culturas e novos comportamentos foram sendo inseridos em nossas rotinas. A tecnologia revolucionou nossa maneira de ser, porém, a partir do distanciamento social instaurado (Brasil, 2020) para a contenção do vírus, as instituições de ensino precisaram, de forma aligeirada e sem muito tempo para aprender a lidar com esse novo formato, utilizar suportes digitais para a realização de aulas a distância e disponibilização de materiais, para que, minimamente, os alunos pudessem ter acesso às aulas, garantindo o ano letivo.

Com as propostas de ensino remoto e/ou híbrido, impostas pela pandemia, professores e alunos tiveram que buscar novas alternativas para efetivar o processo de ensino e aprendizagem, adequando-se a novos modelos metodológicos que requerem dos educadores o papel de tutor/mediador, e, do aluno, o desenvolvimento de autonomia e protagonismo.

Esse tipo de ensino remoto acarretou muitos desafios durante o contexto pandêmico, tendo em vista que os professores não tinham formação para lidar com todas as ferramentas necessárias para a elaboração de aulas *on-line*, como o *Google Meet*, *Google Sala de Aula*, aplicativos de edição de vídeos, além dos próprios materiais, como *notebook* ou computadores e internet com bom desempenho. Todavia, estes desafios, também, abriram vastos caminhos rumo ao uso das TDIC.

Com essa nova realidade de aulas mediadas por tecnologia, os professores precisaram se adaptar ao uso de plataformas digitais e o trabalho com ferramentas tecnológicas foram trazidos à baila.

Apesar das dificuldades para nós, professores, e para os pais, que, também, precisaram aprender a lidar com as ferramentas para acessar as aulas, vale destacar que, neste cenário contemporâneo, os alunos que têm acesso ao celular e à internet leem e escrevem em novas plataformas e em novos contextos mais interativos e colaborativos.

Considerando que os gêneros se formam a partir das demandas e transformações sociais (Schneuwly; Dolz, 2004), com esse avanço tecnológico criamos novas formas de nos comunicarmos, fazendo emergir outros tipos de gêneros: híbridos e digitalizados. Assim, aplicativos e plataformas de aprendizagem possibilitam estratégias consideráveis para o trabalho com a leitura e a escrita. Para tanto, destacamos a contribuição de Moran (2018, p. 4):

Dois conceitos são especialmente poderosos para a aprendizagem de hoje: aprendizagem ativa e aprendizagem híbrida. As metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, aos eu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor; a aprendizagem híbrida destaca a flexibilidade, a mistura e compartilhamento de espaços, tempos, atividades, materiais, técnicas e tecnologias que compõem esse processo ativo.

Diante das considerações do autor, não podemos deixar de ressaltar que, atualmente, os alunos produzem dentro, mas, principalmente, fora do ambiente escolar, *podcasts*, *memes*, escrevem *fanfics*, produzem *vlogs*, *vídeos-minuto*, entre outros gêneros digitais. Dessa forma, novos caminhos, novas plataformas de aprendizagem e possibilidades se abrem, cabendo à escola se apropriar dessa multiplicidade e riqueza de oportunidades e horizontes que o advento da tecnologia oferece para oportunizar novas formas de operar com a aprendizagem, e que, por muito tempo, a escola vem resistindo.

Nesse sentido, tornou-se indispensável que as escolas repensem suas práticas, abrindo caminhos para novas possibilidades de trabalho com recursos e plataformas digitais, reconhecendo as transformações tecnológicas e as culturas delas advindas e a utilização de novas metodologias para o processo de ensino e aprendizagem.

As propostas de ensino ainda estão à mercê de metodologias pouco dialógicas, ou seja, calcadas em transmissão de conhecimento e aulas meramente expositivas. Contudo, são necessários estudos que trabalhem com a formação inicial do professor para desconstruir paradigmas antigos e preparar esses profissionais e alunos para uma nova era que se instaura a partir do advento das TDIC.

Fundamentação teórica

Devemos pontuar que o trabalho apresentado é resultado de uma reflexão pós-pandemia, em que os sujeitos envolvidos (professores) estiveram presentes e atuaram durante o **ensino remoto emergencial (ERE)**. Ressaltamos que o ERE é diferente do ensino remoto (Williamson; Eynon; Potter, 2020). O ensino remoto emergencial, como o nome supõe, foi uma medida de emergência diante de uma situação incomum, de forma a (tentarmos) manter o contato com os alunos e os componentes curriculares que precisavam conhecer naquele ano:

O uso da internet para o ensino a distância se caracterizou como uma estratégia muito pertinente para a continuidade dos estudos de adolescentes e adultos, não obstante incorra em graves limitações quanto à sua aplicação para crianças em função das dificuldades de se aplicar currículos online (Senhoras, 2020), especialmente no âmbito das escolas públicas ou mesmo das particulares que atingem a população de baixa renda. Neste sentido, compreende-se que há barreiras que impedem os alunos de se envolverem totalmente com as oportunidades de aprendizagem remota, tais como: necessidades educacionais especiais do aluno, a falta de conhecimento dos pais do conteúdo pedagógico, necessidade de melhor comunicação com o professor, falta de acesso às tecnologias digitais e qualidade da internet (Lunari *et al.*, 2021, p.18).

Como salientado anteriormente, nessa medida emergencial, os professores não tiveram outra escolha a não ser aprender a realizar o manejo das ferramentas, por mais básicas que fossem, para que pudessem oferecer as aulas aos alunos, desafio que atingiu também os familiares e crianças.

Apesar das dificuldades e insegurança, foi um período de muito avanço tecnológico e científico, como por exemplo, a cientista brasileira Jaqueline Goes de Jesus que, de acordo com o Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2021), mapeou o genoma do coronavírus em menos de 48 horas no Brasil, enquanto a média mundial era de 15 dias; a rapidez com que as vacinas foram produzidas; os meios de comunicação com a atualização das informações; as soluções dadas para o atendimento das crianças com a criação de plataformas para aulas *on-line*, até então inexistentes.

Todas essas questões nos fazem pensar sobre os métodos utilizados para o ensino em sala de aula, mesmo nesse momento pós-pandemia. Não podemos mais negar o quanto nos envolvemos e aprendemos com o uso das TDICs e o quanto nos auxiliou em dado momento para o ensino aos alunos. Assim, não há como voltar ao “novo normal” desconsiderando novamente seu uso, até porque, de acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), datada de 2018, devemos fazer uso das tecnologias de ensino em sala de aula.

Devemos considerar o protagonismo dos alunos durante o período pandêmico com as novas ações que precisaram estabelecer para aprender, como: rotina para os estudos e acompanhamento das aulas dentro de casa; concentração, atenção e paciência para o rompimento da barreira de uma possível má conexão durante a aula; além de ter que, por vezes, auxiliar os professores no uso das novas ferramentas e; dos diversos estímulos externos presentes (Senhoras, 2020). Sendo assim, como podemos negar tudo o que a pandemia nos trouxe e simplesmente retornar ao método antigo de ensino?

Muito se fala sobre a formação de um sujeito crítico, autônomo e independente, mesmo nos documentos oficiais, como a BNCC (2018), porém, em nossa prática vemos metodologias ainda calcadas na transmissibilidade de conteúdos. Behrens (2013. p. 77) destaca que “o aluno precisa ultrapassar o papel de passivo, de escutar, ler, decorar e de repetidor fiel dos ensinamentos do professor e tornar-se criativo, crítico, pesquisador e atuante para produzir conhecimento”.

Dessa forma, temos Moran (In Bacich; Moran, 2018) na defesa de um ensino a partir de metodologias ativas. Segundo o autor, as metodologias ativas não precisam, necessariamente, do uso de ferramentas digitais, porém, colocam o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, envolvendo-o na aprendizagem por investigação, resolução de problemas e descobertas. Assim, o professor precisa (re)organizar sua prática de modo a instigar os alunos a participarem do processo, contemplando os componentes curriculares.

Acima, dissemos ainda das mudanças em nossa sociedade e de como elas nos fazem mudar também. Em nossa língua, viva e cheia de discursos

de palavras alheias e palavras próprias-alheias (Bakhtin, 2003), sofremos e provocamos mudanças ao longo dos anos. Com o avanço das TDICs novos gêneros foram criados, como já comentamos.

Como educadores, devemos acompanhar todo esse contexto e suas diferenças de nossa formação inicial para trazê-los à nossa prática, de modo a agregar ao ensino e ao conteúdo. Não podemos conceber a escola como espaço alheio ao mundo externo, pelo contrário, devemos pensar numa escola que extrapole os seus muros (Jolibert, 2006) e chegue aos alunos e comunidade, tornando o ensino cheio de sentido e significado.

Sabemos das dificuldades envolvidas neste processo e não as negamos, os próprios autores discorrem que esta não é uma prática comum atualmente, mas é algo que vem se difundindo e parece ser o caminho para esse novo modelo de escola que temos e para os alunos e Educação que almejamos ter. Dessa maneira, trazemos abaixo um excerto de nossas práticas e reflexões acerca do uso das TDICs nas salas de aula.

Percurso metodológico

Este estudo contou com a participação de dezoito professores que atuam em escolas públicas do Estado de São Paulo, de diversos componentes curriculares e surgiu da necessidade de compreender como os professores trabalhavam/trabalham com a leitura e a escrita atreladas à tecnologia, durante o período pandêmico. Esses professores viabilizaram estratégias para o trabalho com projetos de leitura e escrita no meio digital, perante o ensino remoto/híbrido, proporcionando assim, aos estudantes, durante esse período de restrição ao livro físico, atividades de leitura e escrita com o uso de recursos tecnológicos, por meio dos gêneros e plataformas digitais, como instrumento de aprendizagem.

Esses docentes diversificaram o conteúdo das aulas proporcionando e fomentando a leitura em meios digitais, para além dos livros físicos e trabalharam com a proficiência oral e escrita dos estudantes por meio da utilização de gêneros digitais como *podcasts*, *fanfics*, *videos-minuto*, radionovelas, entre outros, oriundos de contextos digitalizados.

Dessa forma, vale destacar que, para sondar mais sobre as impressões desses docentes durante esse período, foi aplicado um questionário a um

grupo de dez professores que atuam em diferentes unidades escolares e que procuram diversificar as aulas e promover a leitura e a escrita em contexto digital de forma a desenvolver um trabalho mediado pelas TDIC.

Consideramos de suma importância compreender como os professores têm se adequado ao trabalho com a tecnologia na escola, seus anseios e os principais desafios apontados na utilização da tecnologia, sobretudo, com a leitura e a escrita. Ademais, concordamos com Ludke e André (2018, p. 2), ao afirmarem que a pesquisa

Trata-se, assim, de uma ocasião privilegiada, reunindo o pensamento e a ação de uma pessoa, ou de um grupo, no esforço de elaborar conhecimentos sobre aspectos da realidade que deverão servir para a composição de soluções propostas aos seus problemas.

Sendo assim, para realizarmos uma sondagem sobre esse processo, aplicamos um questionário com a seguinte questão norteadora: *Você considera que o trabalho com projetos de leitura e escrita no meio digital com o uso das novas tecnologias, sobretudo nesse contexto de Ensino Remoto e ou híbrido, é imprescindível? Comente sobre isso de acordo com suas experiências profissionais.*

Ressaltamos que, diante do contexto da pandemia da covid-19, as escolas passaram por transformações relevantes e tiveram a tecnologia como suporte essencial para a realização das aulas e de atividades, que até então, ocorriam em formato presencial.

Análise das evidências

A seguir, serão examinadas as respostas escolhidas de forma aleatória de sete professores como amostragem/recorte do estudo conduzido, obtidas mediante a aplicação da questão norteadora, supracitada, de forma a permitir o diagnóstico e entender em que medida essas transformações impactam na atuação do professor e como estão lidando, no pós-pandemia, com essas transformações tecnológicas para ministrar suas aulas.

Por fim, nomearemos os participantes e respondentes desta pesquisa como *P1*, *P2*, *P3*, e, assim, por diante. Outrossim, iniciamos a análise da resposta do *Participante 1 (P1)* e na sequência os demais sujeitos de pesquisa.

O excerto 1 aborda a recepção de um dos professores respondentes a respeito do uso das tecnologias neste novo momento, como podemos acompanhar, a seguir.

Excerto 1 - O uso das tecnologias em cenário pandêmico.

P1- Nos dias de hoje realmente podemos considerar imprescindível o uso de tecnologia nas atividades propostas. Visto que temos que considerar ainda que esse recurso veio para ficar. Que de agora em diante fará parte do nosso trabalho sempre. À medida que vamos nos familiarizando, podemos ver que não é um bicho de sete cabeças e sim um grande aliado para alcançarmos nossos objetivos nesse tempo de pandemia.

Fonte: Autores - Questionário de P1, 2021.

É notório, na resposta do *P1*, o quanto a escola e, portanto, os professores resistiram, durante muito tempo, ao uso da tecnologia nos espaços escolares. Observamos que, devido à utilização desses recursos, em decorrência do período pandêmico, houve uma revolução no uso das ferramentas digitais na escola, tornando-as aliadas da ação pedagógica.

O excerto 2 evidencia os desafios para a nova implementação do uso das tecnologias em sala para ensinar, pois, tanto professores quanto alunos precisaram aprender a lidar com essa ferramenta de um modo diferente, não apenas intuitivo, mas que o tornasse eficaz para práticas de ensino-aprendizagem.

Excerto 2 - Como os professores viram a utilização da tecnologia no ensino?

P2- Sim, é um caminho necessário, não tem sido fácil, devido à nova realidade. Entretanto, aos poucos nossos alunos entenderão a importância da tecnologia no ensino e aprendizagem. Toda mudança no início é assustadora.

P3-Sim, pois promovem aprendizagens mais significativas, despertam maior interesse e engajamento dos alunos, gerando maior interatividade durante as aulas e, conseqüentemente, maior interesse e facilidade na compreensão dos conteúdos.

Fonte: Autores - Questionário de P2 e P3, 2021.

Nas respostas de *P2* e *P3*, podemos perceber que, não só os professores são e/ou eram resistentes ao uso da tecnologia, como também os alunos, resultado de um processo de resistência cultural que só foi amenizado a partir da necessidade de utilização da tecnologia em decorrência da pandemia.

Dessa forma, aos poucos, estão se adaptando a essa nova realidade que há tempos era urgente nos espaços escolares, considerando a expansão

tecnológica que, apesar de não ser nova, ainda gera objeção de algumas instituições. No excerto 3, podemos dar evidência ao engajamento dos alunos perante atividades de leitura e escrita mediadas pela tecnologia.

Excerto 3 - Novas habilidades de leitura em contexto digital

P4 - Sim. Porque: 1- dá continuidade de leitura para quem já era leitor. 2- Pode ser interessante para quem não era leitor e passou a ser porque é uma maneira diferente e com mais opções de leitura. 3- Para quem está aberto às novas aprendizagens escrever, editar, gravar áudios, vídeos, e aplicar em diversas plataformas o que é importante para manusear e desenvolver habilidades nestas plataformas. A disponibilidade de aprender serve para todos os departamentos da vida profissional, acadêmica, pessoal, socioemocional, e muito mais.

Fonte: Autores - Questionário de P4, 2021.

Na resposta de P4, destacamos a ampliação dos ambientes de leitura e escrita, por meio do uso dos novos gêneros e plataformas digitais, assim como, as possibilidades de extensão desse uso na vida profissional e pessoal, como conjunto de aprendizagem para além dos muros da escola. Nesse aspecto, ressaltamos a afirmação de Goulart (2017, p. 41):

Em tal contexto, destacamos a relevância da compreensão dos modos de inserção e de uso da escrita nas sociedades letradas contemporâneas, bem como os processos históricos que vêm determinando os diferentes gêneros do discurso orais e escritos, incluindo o uso da escrita em novos suportes digitais.

Neste novo cenário, em que as TDIC estão cada vez mais presentes, novas plataformas de leitura e de escrita surgiram, dando espaço a ambientes colaborativos que proporcionam novas maneiras de ler, escrever, interagir e construir significados. Sendo assim, damos ênfase às contribuições de Moran (2018, p. 8):

A combinação de tantos ambientes e possibilidades de troca, colaboração, coprodução e compartilhamento entre as pessoas com habilidades diferentes e objetivos comuns traz inúmeras oportunidades de ampliar nossos horizontes, desenhar processos, projetos e descobertas, construir soluções e produtos e mudar valores, atitudes e mentalidades.

Diante das contribuições do autor, reiteramos a urgência da escola em romper paradigmas com vistas a ampliar horizontes para um contexto tecnológico tão emergente na atual conjuntura. Percebemos, pela fala dos respondentes que, apesar de terem enfrentado dificuldades e desafios na implementação das tecnologias em sala, como uma maneira de se trabalhar também as habilidades envolvendo leitura e escrita, as expectativas e frutos colhidos, estavam sendo positivos, tendo em vista que os educandos se envolveram nas proposituras feitas pelos professores e passaram a manejar essas ferramentas de modo educativo, formativo.

Assim, consideramos o quão é imprescindível que as aulas ofereçam essas novas formas de mediação da leitura e escrita, proporcionando aos alunos diferentes metodologias de trabalho com a leitura e a escrita.

A seguir, exposto no excerto 4, encontramos evidências da relevância dos artefatos tecnológicos como ferramentas para dinamização e engajamento entre os pares quando se trata de aprendizagem mediada pelas TDIC:

Excerto 4 - Tecnologias em ambientes de aprendizagem

P5- Atualmente é inegável a importância do uso das tecnologias na educação, as diversas possibilidades tecnológicas são ferramentas poderosas para atrair e reter a atenção dos alunos, principalmente se considerarmos que os mais jovens gostam dessa dinâmica, tornando para eles os momentos de estudo mais divertidos, associando o aprendizado a algo agradável.

Fonte: Autores - Questionário de P5, 2021.

A argumentação de P5 é muito importante para esse novo contexto de trabalho com a linguagem, uma vez que estamos, cada vez mais, inseridos nesse universo da multimodalidade, conforme destaca Ribeiro (2018, p. 75): “Assumindo um ponto de vista evidentemente fundamentado na teoria da multimodalidade, que prega, justamente, a ideia de que as linguagens se integram para a construção dos sentidos [...]”. Concordamos com a autora e compreendemos que os alunos estão imersos nessa gama de palavras, imagens, sons e movimentos, de maneira que trabalhar com recursos tecnológicos torna as aulas mais atrativas e dinâmicas, conforme destaca P5.

Ao questionarmos os professores a respeito da importância da leitura durante o período pandêmico, com o uso das novas tecnologias, podemos

observar, no excerto 5, a fala de um professor a respeito das potencialidades das TDIC no processo de ensino-aprendizagem da leitura. Entendemos que esse período foi crucial para o reconhecimento da importância dessas ferramentas como recursos indispensáveis à educação:

Excerto 5 - TDIC como recursos de mediação da leitura

P6- Sim e muito importante a leitura nesse momento que estamos passando, através dela os alunos vão aperfeiçoando cada vez mais o gosto e aprendendo coisas novas para melhorar o ensino aprendizagem deles.

Fonte: Autores - Questionário de P6, 2021.

Na resposta de P6, observamos o quesito da atratividade que a tecnologia nos remete, por meio da inovação. Nesse âmbito, podemos dizer que o uso da tecnologia na sala aula permite o contato com o novo: novas plataformas, novos gêneros digitais que emergem desse contexto e, sobretudo, novas linguagens. Dessa maneira, destacamos como o uso da tecnologia em ambiente de ensino favorece o aprendizado. No entanto, não se trata da tecnologia e seu uso em si mesma, ou seja, não é a própria ferramenta, mas a mediação por meio das práticas sociais nelas inseridas que promove um trabalho interativo com novas linguagens, semioses e textos multimodais, através de práticas de leitura e escrita.

Ao questionarmos como os professores concebiam o uso das novas tecnologias para o desenvolvimento de habilidades leitoras, obtivemos a seguinte resposta:

Excerto 6 - Potencialidades das TDIC no desenvolvimento da competência leitora

P7 – Sim...A tecnologia pode ser usada para melhorar a capacidade de leitura de várias maneiras, seja para melhorar os níveis de interesse dos nossos alunos, uma geração que parece que já nasceu conectada, melhorar o vocabulário, a fluência e até mesmo a compreensão de palavras visuais por meio da leitura em um celular ou computador.

Fonte: Autores - Questionário de P7, 2021.

O Participante 7 aborda a importância da tecnologia para despertar o interesse dos estudantes para a leitura com intuito da ampliação do vocabulário, recursos multimodais e o uso do celular, também como ferramenta de

aprendizagem. Não podemos deixar de considerar que a leitura e a escrita são práticas sociais para além da escola e que o uso da tecnologia é uma realidade que permeia as práticas sociais. Nesse contexto, dialogamos com a citação de Ribeiro (2018, p. 103), “mesmo com tantos trabalhos e tantas possíveis experiências, notadamente nas salas de aula do ensino básico brasileiro, por que as tecnologias digitais ainda trazem conflitos quando precisam atravessar do espaço das práticas sociais para o das práticas escolares”.

A autora nos lança uma questão importante para refletirmos de modo a abordar os entraves que ainda dificultam o uso da tecnologia em práticas pedagógicas escolares. Sabemos que, apesar de termos avançado, ainda temos um longo caminho a percorrer.

Considerações finais

Durante o texto, discorreremos sobre os desafios que a pandemia causada pelo coronavírus nos causou como população, mas principalmente, como educadores. Nossa prática em modelo completamente novo para muitos de nós trouxe um cenário desafiador e inseguro, porém, profícuo de potenciais e aprendizados, ficando claro, também, o quanto avançamos em tecnologia enquanto sociedade, no sentido mais amplo e, no sentido mais restrito, enquanto formação pessoal.

Assim, a partir de uma pesquisa realizada com alguns professores que passaram por esse período ativamente, dando aulas e preparando novos modelos de aulas e agora estão novamente de forma presencial com as turmas, discutimos sobre a importância do uso das TDICs, para eles, como ferramentas aliadas no processo pandêmico e o quanto seria após, com a retomada das aulas no modelo ‘normal’.

Buscamos elencar os aspectos positivos que o uso das novas tecnologias podem propiciar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pois, como escola, não podemos desconsiderar todos os aspectos e vivências que ocorrem para além de seus muros e, o quanto o repertório dos alunos de práticas extraescolares influencia para seu desempenho dentro da escola.

Por esse motivo, acreditamos que o caminho é tornarmos o aluno o centro do processo, aprendendo por meio de ferramentas que ele utiliza fora da escola e que podem auxiliar no desenvolvimento de componentes

curriculares, desde que o professor esteja disposto a um novo desafio: sair da zona confortável e se propor a fazer o diferente novamente.

Sabemos o potencial que temos, enquanto educadores, de nos reinventar, haja vista os processos superados durante o período de ensino remoto emergencial e sabemos, também, o quanto o novo assusta, mas, como alguns respondentes expressaram em seus comentários, é um caminho possível a ser trilhado.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: MORAN, J.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21. Ed. Campinas: Papirus, 2013.

BRASIL. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020** Dispõe sobre a Substituição das Aulas Presenciais por Aulas em Meios Digitais Enquanto Durar a Situação de Pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 09 set 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em 09 de set de 2023.

CNS. **Conselho Nacional de Saúde**. Jaqueline Goes de Jesus, cientista que mapeou o genoma do coronavírus, é homenageada pelo CNS. Net. 2021. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2251-jaqueline-goes-de-jesus-cientista-que-mapeou-o-genoma-do-coronavirus-e-homenageada-pelo-cns>. Acesso em 09 set 2023.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOULART, C. **Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica**. *In*: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

JOLIBERT, J. **Além dos muros da escola:** a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: E.P.U, 2018.

LUNARDI, N.M.S.S. *et al*; Aulas remotas durante a pandemia: dificuldades e estratégias utilizadas por pais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, e106662, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/GnhccHnG4mxDNdSQKDQ7ZBt/#ModalDownloads> Acesso em 09 set 2023.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** 21^a ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 2013. (Coleção Papirus Educação).

RIBEIRO, A. E. **Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação.** 1ed. São Paulo: Parábola, 2018.

SENHORAS, E. M. A pandemia do novo coronavírus no contexto da cultura pop zumbi. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escojidas**, vol. III, Madri: Visor, 1995.

WILLIAMSON, B.; EYNON, R.; POTTER, J. Pandemic politics, pedagogies and practices: digital technologies and distance education during the coronavirus emergency. **Learning, Media and Technology.** Vol. 45, n. 2, p. 107–114, 2020.